



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

AYÊ ELLEBASI

**A COLONIZAÇÃO DA SEXUALIDADE: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS SOBRE
SEXO E SEXUALIDADE NO FUNK BRASILEIRO**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2023

AYÊ ELLEBASI

**A COLONIZAÇÃO DA SEXUALIDADE: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS SOBRE
SEXO E SEXUALIDADE NO FUNK BRASILEIRO**

Trabalho de Conclusão de curso na modalidade de Projeto de pesquisa apresentado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira UNILAB, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharelado em Humanidades.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Andrea dos Santos Soares.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2023

AYÊ ELLEBASI

**A COLONIZAÇÃO DA SEXUALIDADE: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS SOBRE
SEXO E SEXUALIDADE NO FUNK BRASILEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso na modalidade projeto de pesquisa apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Data de aprovação: 16/01/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria Andrea dos Santos Soares (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof.^a Dr.^a Caterina Alessandra Rea

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof.^a Dr.^a Andressa de Freitas Ribeiro.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---------------------------------|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 5 |
| 2 | OBJETIVOS | 6 |
| 2.1 | GERAL | 6 |
| 2.2 | ESPECÍFICOS | 6 |
| 3 | JUSTIFICATIVA | 6 |
| 4 | REFERENCIAL TEÓRICO | 9 |
| 5 | REVISÃO DE BIBLIOGRÁFICA | 12 |
| 6 | METODOLOGIA | 13 |
| 7 | CRONOGRAMA | 14 |
| 8 | RESULTADOS ESPERADOS | 14 |
| | REFERÊNCIAS | 15 |

1 INTRODUÇÃO

O funk nacional é bem conhecido pela batida do grave, seu ritmo dançante e pelas letras musicais que atualmente em grande parte falam sobre ascensão financeira, ostentação e sexo. Quando falamos de funk aqui no Brasil normalmente estamos nos referindo ao funk carioca que nacionalizou o funk aqui no Brasil. O funk está no segmento de produção musical afro, assim como o samba, o reggae, o blues e o rap, entre outros mais estilos musicais. O funk nacional é um estilo musical que em grande parte suas letras falam sobre sexo, o tema sexo ainda que estando presente em outras vertentes musicais foi um dos argumentos para a solicitação de um projeto de lei para criminalização do funk. A criminalização do funk pode ser motivada para além das letras abordarem temas como o sexo, uso de drogas e por vezes a vida no crime ele parte das periferias e favelas. Seus temas narram as realidades desses territórios, sexo não é um tema exclusivo no funk, porém o uso desses argumentos para a sua criminalização se trata de um processo de silenciamento, podendo aqui se considerar uma possível criminalização da pobreza e motivações racistas (PINHO, 2021; PALOMINI & FACCINA, 2015) já que o funk faz parte do seguimento musical afro e parte de territórios onde majoritariamente vivem pessoas negras.

O tema sexo e sexualidade sempre está sob o véu do tabu, muito pela influência educacional do cristianismo, que foi um forte aliado na colonização europeia, qual defende que a norma é homem com mulher e proteção da família nuclear. Porém sexo está em toda parte nas músicas populares, programas de TV e nas novelas. Se fossemos fazer uma análise da televisão brasileira nos anos 90 até início dos anos 2000 poderíamos dar vários exemplos de sexualização e erotização do corpo feminino no horário nobre da TV aberta. Então as condenações feitas ao funk dissimulam as verdadeiras causas sociais das narrativas feitas em suas letras populares, sendo hipocrisia as denúncias de sexualização explícita para crianças e adolescentes sendo a sexualização muitas vezes presente no horário nobre da TV aberta.

O discurso narrado nas letras de funk e sua linguagem marca o território que é produzido, em suma, nas periferias, local onde mora grande parte da população negra e pobre, por meio da linguagem musical podemos chegar à compreensão dos problemas sociais contemporâneos. Falar sobre sexualidade e não apenas repreender as narrativas muitas vezes explícitas dentro do funk pode nos dar caminhos de compreender qual é a concepção popular que se tem sobre o exercício da sexualidade. O sexo é um dispositivo de poder e aqui desejo analisar o que é fomentado na indústria cultural, analisar onde estão as pessoas LGBT's e as mulheres no Funk

dentro dessas produções, que narrativas essas pessoas tem trabalhado, realizando um comparativo as narrativas masculinas heterossexuais tendo como metodologia a análise de conteúdos, levando sempre em conta que o Funk é reprodutora e produtora da realidade assim como toda manifestação cultural. Deste modo será investigado os diferentes parâmetros da moral sexual destinada a homens e mulheres e a necessidade de uma descolonização da sexualidade.

2 OBJETIVOS

2.1 GERAL

- Refletir a complexa relação das hierarquias de raça, gênero e sexualidade para a comunidade do funk a partir dos discursos feitos nas letras de funk

2.2 ESPECÍFICOS

- Indagar onde estão as mulheres e pessoas LGBT's em relação aos homens cisgêneros dentro do funk
- Analisar quais narrativas que as mulheres e pessoas LGBT's têm trabalhado nas letras de funk
- Investigar a presença de uma colonialidade da sexualidade nas narrativas das letras de funk

3 JUSTIFICATIVA

O colonialismo refere-se a um tipo de dominação/exploração em que a soberania de um povo está no poder de outro povo ou nação. Já a colonialidade é mais profunda e mais duradoura, ela sobrevive apesar da descolonização ou emancipação das colônias latino-americanas, asiáticas, e africanas nos séculos XIX e XX ela se mantém viva nos textos didáticos, no senso comum, nas produções acadêmica, nas noções de papéis gênero, na sexualidade, dentre outros campos da vida humana. Desta maneira, apesar do fim do colonialismo moderno, a colonialidade sobrevive. (OLIVEIRA & CANDAU, 2010)

O funk é um estilo musical do segmento afro tendo seu berço nas favelas brasileiras. Grande parte da população de renda baixa ou em desemprego são pessoas negras, sendo isso uma consequência da desigualdade social promovida pela escravização do povo negro, portanto as favelas são fruto da desigualdade social e racial brasileira. Os bailes funk são constantemente invadidos pela polícia por tiros que nem sempre é de borracha, sendo o único evento que sofre esse tipo de violência. Um dos argumentos para a criminalização do Funk é seu conteúdo sexual explícito e o uso de drogas. Os bailes funk não são o único evento sonoro, onde existe uso de drogas nem o único estilo musical que aborda sexo, porém é o único que passa pela violência policial e criminalização das narrativas. Neste trabalho não se pretende romantizar as possíveis narrativas que podem ser interpretadas como abuso, nem aqui será nosso papel de criminalizar tais narrativas, mas sim analisar uma possível naturalização do abuso sexual usando como parâmetro o “não” dado pela mulher muitas vezes ignorado. Examinando o silenciamento em torno do debate a respeito do abuso sexual, assim como o silenciamento em torno da sexualidade.

Maria Lugones em seu texto sobre Colonialidade e Gênero evidencia que o colonialismo europeu atravessou todas as áreas da vida social, incluindo o controle do sexo, seus recursos e produtos; citando Quijano que pressupõe uma compreensão patriarcal e heterossexual das disputas pelo controle do sexo. (LUGONES, 2020, p. 7.). Deste modo, nossa compreensão e modo de lidar com o sexo e a sexualidade perpassa pela nossa experiência não apenas individual como também social e histórica. O abuso sexual de mulheres e homens negros foi parte das práticas de dominação colonial, tendo como rastro da colonização a objetificação dos corpos negros que são colocados sobre estigmas hipersexualizantes. Além da prática de dominação de um território até hoje é marcada pelo abuso sexual realizada em guerras civis ou por militares como foi o caso em Pinheirinho - em que 2 mulheres e um rapaz foram abusados sexualmente por militares a reintegração de posse da Ocupação Pinheirinho em 2002, em São José dos Campos-SP, - outro exemplo é o genocídio que ocorreu em Ruanda que foi uma guerra étnica qual se estima que 250 mil mulheres foram estupradas, no ano de 1994. Fatos como esses evidenciam como as tomadas de territórios está atrelada ao abuso de mulheres e incapazes, principalmente quando falamos do Brasil tendo o contexto histórico do abuso sexual ter sido incentivado no período colonial, havendo a possibilidade desses atos se reverberem em nossa sociedade e com consequências sociais ainda hoje.

Cida Bento coloca que “Segundo Freud, a psicologia dos povos existe como consequência da transmissão de processos psíquicos de uma geração para outra. Caso contrário, cada pessoa estaria obrigada a recomençar seu aprendizado de vida”. (BENTO, 2002, p.19). Portanto ao

observar narrativas de sexo e sexualidade devemos levar em conta tais fatos históricos que evidenciam as disparidades que existem nas relações de raça, gênero e sexualidade que estão entranhadas no sexismo e na objetificação. A saúde sexual é algo que deve ser considerado importante em uma sociedade cujo seu território foi marcado por abuso sexual e a homofobia, uma educação sexual para além da perspectiva de sexo reprodutivo, levando em conta o prazer e o consentimento, pode vir para auxiliar novos processos psíquicos para busca de lidar com a sexualidade de maneira mais saudável, responsável, inclusiva e diversa.

Grande parte das narrativas publicitárias, novelas, programas de TV e músicas populares são narrativas de relações heterossexuais e dentro do funk isso não é diferente. Temos alguns nichos de mercado na indústria musical, porém o que predomina é a heterossexualidade e pessoas brancas com maior visibilidade. Tais narrativas inviabilizam sexualidades dissidentes. Djamila Ribeiro em uma palestra realizada no TED x São Paulo em 2017, faz uma reflexão sobre Pluralidade que remete aos silêncios institucionais, naturalização das desigualdades, falta de representatividade, uma voz única que impede uma pluralidade de vozes. Os silêncios devem ser questionados pois o silêncio diz muito, a ausência também é ideologia. Esta ideologia moral sobre a sexualidade reprimida e silenciada se trata de moldes morais coloniais europeus. Para uma sexualidade saudável responsável inclusiva e diversa é necessário a descolonização da sexualidade.

As escolas públicas têm potencial de ser um espaço para abordar de modo saudável a descolonização da sexualidade, sendo a escola um espaço de formação cidadã ela tem o dever de criar esse espaço de debate. No entanto, nosso modelo de instituição educacional foi antes de mais nada um espaço que serviu à dominação europeia no período colonial. Talvez a escola pudesse ser o espaço para tratarmos dos problemas sociais eminentes, muitos destes inclusive são sequelas da dominação colonial, porém ainda hoje o modelo de escola que temos segue a partir de fronteiras morais coloniais (PINHO, 2021). Como ocorreu quando o governo federal, em 2004, lança o projeto Brasil sem Homofobia – Programa de combate à Discriminação contra LGBT e Promoção de Cidadania Homossexual - esse projeto sofreu fortes ataques pelo então deputado Jair Bolsonaro; e hoje o ex-presidente da república brasileira; dando como consequência o surgimento do movimento conservador “Escola Sem Partido” que se mobilizou a partir das fakenews criadas pelo então deputado sobre o material a ser distribuindo, sendo chamado de “kit gay”, o projeto foi vetado em 2011 antes da sua aplicação.

O funk como toda manifestação artística é reprodutora e produtora da realidade, então temas abordados como drogas, violência e sexo é o que ocorre em nossas comunidades e devem ser debatido, não criminalizar essas narrativas.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

A dominação colonial europeia foi e continua sendo não só econômica como também simbólica, sendo assim a linguagem estética tem um papel fundamental na compreensão dos problemas sociais contemporâneos. “A linguagem, forma de expressão estreitamente ligada à liberdade e à essência da vida humana e o ingrediente básico para o exercício do direito linguístico, é um direito humano cultural viabilizador de outros direitos e vetor do patrimônio cultural imaterial.” (Soares, 2016) . Deste modo, a representação da cultura popular e sua linguagem estética é um processo central na formação e produção de identidade cultural e social, em vista disso a repressão das narrativas sexuais pode não ser o caminho.

Foucault coloca em seu livro “História da Sexualidade I: A vontade do saber” uma análise a sexualidade e sua relação com o poder após pensar a história da sexualidade a partir de sua repressão que é parte do dispositivo de poder, ele coloca:

[...] porque o sexo é assim tão secreto? Que força é essa que, durante tanto tempo, o reduziu a silêncio e mal acaba de ceder, permitindo-nos talvez questioná-lo, mas sempre a partir e através de sua repressão? [...]Ora, parece-me que essa analítica só pode ser constituída fazendo tábula rasa e liberando-se de uma certa representação do poder, que eu chamaria — veremos adiante por que — de "jurídico-discursiva". É essa concepção que comanda tanto a temática da repressão quanto a teoria da lei, enquanto constitutiva do desejo. (2015, p. 87)

Porém aqui discordamos da concepção de Foucault ao colocar que o Poder não é “ ... como um sistema geral de dominação exercida por um elemento ou grupo sobre outro e cujos efeitos, por derivações sucessivas, atravessem o corpo social inteiro.” (FOUCAULT, p.100, 2015). Aqui se entende “Poder” assim como Quijano que:

[...] entende que o poder está estruturado em relações de dominação, exploração e conflito entre atores sociais que disputam o controle dos “quatro âmbitos básicos da vida humana: sexo, trabalho, autoridade coletiva e subjetividade/intersubjetividade, seus recursos e seus produtos”. (LUGONES, p.7, 2020)

A moral cristã tem forte peso sobre a polêmicas em torno do debate a respeito do sexo e da sexualidade. A igreja católica tinha o maior monopólio da educação no período colonial, em todos países colonizados por impérios europeus de tradição católica, a educação era feita pelo trabalho dos jesuítas de propagar o cristianismo e ensinar a língua portuguesa que tinha como objetivo a “missão civilizatória”. A educação promovida pela igreja católica foi uma forte aliada para a instauração do domínio português e para a formação de um pensamento hegemônico. Auxiliando no apagamento das tradições culturais locais, um processo de aculturação pela

demonização cristã sobre as práticas culturais e religiosas dos povos originários, dando respaldo ideológico empreendendo a domesticação de negros e indígenas assim bem como sua sexualidade supostamente irracional, selvagem, inferior e irrefreada. Uma visão de mundo é herdada através da religião, a moral e a ética é baseada nos fundamentos cristãos onde a sexualidade tem apenas sua dimensão utilitarista de sexo reprodutivo. Quando falamos de sexualidade e a construção dela, o sexo reprodutivo tem um papel econômico importante na sociedade pré capitalista e pós capitalista. Como afirma Ochy Curiel, antropóloga social afro-dominicana, a reprodução e a sexualidade das mulheres está sendo intercambiada para sua sobrevivência material através do “marco do matrimônio ou de qualquer outra forma de intercâmbio econômico-sexual” (CURIEL & FALQUET, p.24, 2014)

Nos últimos três séculos (no mesmo período do crescimento do capitalismo) desde o início de suas proibições legais e morais o discurso sobre o sexo tem sido falado cada vez mais. Como exemplo para a atualidade a demonstração dessa crescente é a popularidade do funk e o pagodão (ou o pagode baiano), com conteúdo sexual explícito e praticamente de maneira hegemônica heterossexual.

O tema sexo e sexualidade sempre está sobre o véu do tabu, muito pela influência do cristianismo que defende que a norma é homem com mulher, sexo feminino com sexo masculino e proteção da família nuclear, porém o sexo está assim tão secreto? Sexo está em toda parte nas músicas populares e nas novelas e series. Entretanto devemos nos perguntar que sexo é esse que aparece nas mídias em massa? Que família é essa que está sendo defendida pelos movimentos conservadores? Se fossemos fazer uma análise da televisão brasileira nos anos 90 até início dos anos 2000 poderíamos dar vários exemplos de sexualização no horário nobre da TV aberta, como a banheiro do Gugu ou em novelas como Chica da Silva onde a nudez dos corpos das mulheres negras era sempre explícito assim como a sexualização de seus corpos. Então o tema sexo é abordado nas mídias e em outros estilos de músicas populares, porém a quem é permitido abordar esse tema? E de que formas é permitido ele aparecer? Na sociedade brasileira a maior aceitabilidade a narrativas sexuais são as de homens heterossexuais contando suas proezas heterossexuais.

A antropóloga estado-unidense Dona Goldestein abordou questões relacionadas à raça, classe, gênero e sexualidade no contexto de uma favela carioca entre o final dos anos de 1980 e início dos anos de 1990. O livro *Laughter out of place: race, class, violence, and sexuality in a Brazilian shantytown* é o resultado desta etnografia onde a autora aponta que:

[...] existe uma série de elementos perturbadores que estruturam no dia a dia a sexualidade em lugares como Felicidade eterna, mas não há uma maneira fácil de confrontar estes elementos porque os discursos que seriam necessários para combater estes problemas ou não estão bem desenvolvidos para além dos círculos das classes média e alta, ou simplesmente são tabu. Em parte, parece que é difícil para as mulheres fazer qualquer crítica da sexualidade por conta da identidade carioca reinante a qual fala alto de uma sexualidade sensual, tropical, uma sexualidade que triunfou como uma espécie de carnavalização brasileira do desejo. Meu ponto é simples: essa carnavalização do desejo é largamente, ainda que não totalmente, uma visão masculinista do desejo e da transgressão. Como resultado, contra discursos a esta visão particular (de sexualidade) são difíceis de desenvolver (227-8:2003 - tradução livre).

As narrativas explícitas e hiper-sexuais do funk, assim como do paredão baiano, podem ser entendidas como “... *performance coletiva de uma dissidência subjetiva*...” (Pinho, 2021:91). Da mesma forma, elas podem ser lidas como sinal de empoderamento feminino, quando se trata das letras de conteúdo explícito cantada por funkeiras como vemos no trabalho “Cai de boca no meu bucetão” de Tamires Coutinho (2020) que foi trabalho de conclusão de curso em Relações Públicas na UERJ chegando a tomar grandes repercussões. Em uma sociedade onde existe a repressão da sexualidade até certo ponto elas podem ser sim contra hegemônica, ainda mais quando falamos de mulheres sendo protagonistas das suas narrativas sexuais, porém nos cabe pensar que muitas dessas narrativas reforçam papéis subalternizados. Como é o caso da música “Vai faz a fila” do Mc Denny que diz:

Vou soca na tua buceta sem parar
 E se você pedir pra mim parar, não vou parar
 Porque você que resolveu vir pra base transar
 Então vem cá, se você quer, você vai aguentar
 (Mc Denny - Vai faz a fila)

Nessa letra ele afirma que não vai interromper o ato sexual por que ela foi o procurar para transar. Isto se enquadra em uma situação de abuso sexual, pois o abuso sexual se enquadra no ato sexual não consentido, isso independente se no início ouve consentimento. Letras com narrativas sexuais violentas descrevendo abuso sexual de homens para com mulheres são bastante comuns e conforme apontada por Dona Goldestein:

O entendimento deste comportamento envolve em grande medida do treinamento que a cultura local dá a jovens meninos para a virilidade, um treinamento que constrói a masculinidade e a sexualidade masculina como agressiva e mesmo predatória e que pune homens gentis (2003: 258- tradução livre).

Assim, a naturalização da violência em nossas comunidades e na sociedade como um todo se perpetua e se reproduz através de diferentes narrativas.

5 REVISÃO DE BIBLIOGRÁFICA

No contexto brasileiro o funk é bem diferente do que já foi nos Estados Unidos tendo sua transformação aqui no Brasil em meados do fim da década de 1980 e se popularizou o funk e o rap na década de 1990 (HERSHMANN, 2005). O rap e o funk são duas vertentes musicais que caminharam juntas, o funk nasce no Rio de Janeiro com os Bailes da Pesada onde era discotecado rock, pop, soul, entre outros estilos musicais e com o tempo a equipe passou a usar caixas de som empilhadas, mixadores, sintetizadores e repentes eletrônicos usados no Rap, outros recursos midiáticos que também eram usados - slides, filmes, fotos posters para despertar o “black is beautiful” na favela. As músicas discotecadas eram “pirateadas” chegadas de New York e Miami, com o Miami Bass dando forte influência no funk brasileiro para chegar no funk nacional como conhecemos hoje. As músicas eram em idioma estrangeiro muitas pessoas não sabiam cantar o que estava sendo dito em inglês americano e começaram a colocar letra em cima do ritmo de modo espontâneo, a partir disso começaram os MC’s a criarem letras em cima das batidas que continuaram a passar por influências da música negra brasileira como a batida do tambor e o toque do berimbau (VIANNA, 2019). Esses bailes eram e ainda são hoje um meio da população pobre conseguir acessar a espaços de lazer nos fins de semana, estar compartilhando suas produções e ser um meio da economia dos moradores girar entre a comunidade. No início pela sua aproximação com o Rap o funk tinha duas vertentes o “funk consciente” e o “proibidão”, o proibidão aborda narrativas da facção, sexo explícito ou como chamamos “putaria” e o consciente tratava nas letras a realidade da favela como o “Rap da Felicidade” entre outros que aborda a violência, a falta daqueles que já foram e busca pela ascensão financeira, com o tempo foi se popularizando cada vez mais os Proibidões.

A repercussão negativa sobre o funk e sua associação com a criminalidade iniciou em 1992, com o Arrastão de Ipanema em que sujeitos se juntaram para fazer assalto em grupo são chamados de funkeiros, criando uma grande repercussão na mídia. (PINHO, 2021) Com o surgimento dos “Bailes Proibidões” e o lançamento de músicas como a de Cidinho e Doca “O Rap das Armas” começa o debate do funk estar associado ao tráfico de drogas ilegais. Em 2008 o funk é proibido nas comunidades pacificadas no Rio de Janeiro, e em 2017 o senado brasileiro rejeita um projeto de lei que pedia criminalização do funk. Através da luta do movimento do Funk para o seu reconhecido e descriminalização pelo Estado que surge a Lei nº 3.410/00 permitindo os bailes funk, porém não sendo permitido apologia ao crime e com a presença da polícia no local. Apenas em 2009 que surge a Lei nº 5.543/09 que reconhece o funk como patrimônio cultural imaterial do estado do Rio de Janeiro.

6 METODOLOGIA

A metodologia será feita através da Análise Textual Discursiva, articulada ao estudo bibliográfico aprofundado sobre o funk e embasada em autoras/es com pesquisa decolonial em gênero e sexualidade. Com o intuito de chegar nos objetivos propostos será empregado a metodologia qualitativa respeitando a ética da pesquisa científica. Junto aos estudos em torno do funk, serão realizados comparativos a outros gêneros musicais e expressões culturais do segmento afro que passaram pela perseguição e criminalização.

O método da Análise Textual Discursiva é uma abordagem que transita entre a análise de conteúdo e a análise de discurso. O método de análise de conteúdo conforme Laurence Bardin, professora-assistente de psicologia na Universidade de Paris, aplicou nas técnicas de Análise de Conteúdo em sua investigação psicossociológica e no estudo das comunicações de massa. Utilizado por psicólogos e sociólogos dentre outros profissionais dos campos das ciências humanas, o método de Análise de Conteúdo consiste em primeiro descrever os dados para depois interpretá-los, analisando o que o texto expressa em relação ao fenômeno analisado (ROCHA & DEUSDARÁ, 2005). Já a análise de discurso consiste na interpretação dos discursos entendendo como o texto significa e como ele é construído, tendo uma análise de forma crítica. Analisando “em que perspectivas a relação social de poder no plano discursivo que se constrói” (ROCHA & DEUSDARÁ, p.321, 2005). Deste modo essa foi a metodologia escolhida para o fenômeno que será abordado pois ela possibilita fazer uma análise tanto dedutiva quanto indutiva dando mais riqueza na análise dos dados, sendo uma técnica mais alinhada a etnografia. (ACADÊMICA, 2020).

As letras serão escolhidas a partir de um recorte interseccional de gênero, idade, sexualidade e raça de Mc’s e cantoras(es) de funk buscando 2 ou 3 exemplos entre diferentes categorias identitárias. A perspectiva interseccional é proposta por Kimberle Crenshaw é uma metodologia que “... trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, as opressões de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras” (CRENSHAW, *apud* AKOTIRENE, p.68, 2018).

A fim de selecionar quais letras serão analisadas será feito uma pesquisa das músicas mais tocadas através de plataformas de pesquisa como o *Youtube*. A partir da coleta do material procederemos a análise de conteúdo conforme o método descrito por Rocha & Deusadará, 2005. Ao longo da pesquisa pretendemos incorporar a metodologia de pesquisa etnográfica, através de observação e participação em eventos de funk na cidade de São Paulo. Saliento aqui que

como moradora de Jardim Peri - periferia paulista, costumava frequentar durante minha adolescência os bailes funk's da região e por isso me sinto, em parte, participante dessa expressão cultural. Para desenvolver a etnografia, buscaremos participar de eventos e buscar contatos nos circuitos de produção, a fim de realizar registros visuais e entrevistas usando como ponto de partida análise das letras escolhidas.

7 CRONOGRAMA

Esse cronograma refere-se às atividades para a elaboração do Projeto de Pesquisa:

| SEMESTRE | Revisão Bibliográfica | Seleção de Materiais | Análise de Conteúdo | Observação Participante | Tratamento de dados da pesquisa | Escrita e Defesa do Trabalho Final |
|------------|-----------------------|----------------------|---------------------|-------------------------|---------------------------------|------------------------------------|
| 1 Semestre | X | | | | | |
| 2 Semestre | | X | X | | | |
| 3 Semestre | | | | X | | |
| 4 Semestre | | | | | X | X |

8 RESULTADOS ESPERADOS

Pretende-se que este trabalho colabore na elaboração de políticas públicas voltadas para direitos sexuais, evidenciando a importância do debate a respeito da sexualidade, consentimento sexual e direitos reprodutivos. A fim de que essas políticas públicas sejam implementadas dentro do ambiente escolar, como já citado, pensamos ser a escola um importante espaço de formação cidadã é imprescindível que esses debates sejam feitos dentro das escolas de ensino básico. Por isso, na continuidade da pesquisa pretende-se desenvolver atividades que provoquem essas discussões entre professores e estudantes através da constituição de grupos focais e tomando como ponto de partida o conteúdo das letras de funk.

REFERÊNCIAS

- ACADÊMICA. Análise Textual Discursiva. Youtube, 08/09/2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qtwKa5hwBe8&t=27s>. Acesso em: 22/10/2022
- ACADÊMICA. Análise de Conteúdo x Análise de Discurso. Youtube, 01/09/2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q2aQHDRPJ6w>. Acesso em: 22/10/2022
- AGÊNCIA de Notícias da Favela. Eu só quero é ser feliz: Uma breve história do funk carioca. Direção: André Fernandes. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sZ8h_C4ArhY&t=621s. Acesso em: 07/12/2022
- AKOTIRENE, Carla. O que é Interseccionalidade? Belo Horizonte-MG: Editora Letramento, 2018.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e Branquitude no Brasil. *In: Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis- RJ: Vozes, 2002.
- COUTINHO, Tamires de Assis. Cai de Boca no meu Bucetão: uma análise do funk como potência do empoderamento feminino. Rio de Janeiro: UERJ, 2020
- CURIEL, Ochy; FALQUET, Jules. Desnudando o Patriarcado. **O Patriarcado Desvendado - Teorias de três feministas materialistas: Colette Guillaumin, Paola Tabet e Nicole-Claude Mathieu**. Recife: SOS Corpo, 2014.
- Criminalização do funk como crime de saúde pública a criança aos adolescentes e a família. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/ecidadania/visualizacaoideia?id=65513>. Acesso em: 21/12/2022
- FOUCAULT, Michael. História da Sexualidade 1: a vontade de saber. Tradução: Maria T. da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- GOLDENSTEIN, Dona. *Laughter out of place : race, class, violence, and sexuality in a Rio shantytown*. California: University of California Press, 2003.
- HISTÓRIA Preta. Do Funk ao Funk Carioca. Locução de: Thiago André. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/5ubIRz4MX8WYbCp9GRMeSC>. Acesso em: 03/11/2021
- HERSHMANN, Michael. O Funk e o Hip-Hop Invadem a Cena. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.
- JUNIOR, Hermano Paes Vianna, O Baile Funk Carioca: Festas e Estilos de Vida Metropolitanos. Rio de Janeiro, 1987.
- KIGALI, David Morrem. Genocídio em Ruanda deixou legião de mulheres estupradas. Folha de São Paulo, 1996. <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/9/29/mundo/6.html>. Acesso em: 21/12/2022

LUGONES, Maria. Colonialidade e gênero. *in*: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org). **Pensamento Feminista hoje: Perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

OLIVEIRA, L. F.; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. *Educ. rev.* vol. 26 n.º.1. Belo Horizonte, 2010.

PALOMBINI, Carlos; FACINA, Adriana. *O Baile da Chatuba*. 2015

PINHO, Osmundo. *Cativeiro: Antinegitude e Ancestralidade*. Salvador: Segundo Selo, 2021.

RAMOS, Jussi. PMs são indiciados por tortura e estupro no Pinheirinho. *Correio*, 26/07/2013. Disponível em: <https://correio.rac.com.br/pms-s-o-indiciados-por-tortura-e-estupro-no-pinheirinho-1.964886>. Acesso em: 03/08/2022

RIBEIRO, Djamila. Precisamos Romper com os Silêncios. TED x São Paulo, 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=6JEdZQUmdbc>. Acesso em: 21, dezembro, 2022.

RIO DE JANEIRO. Assembléia Legislativa do Estado. Lei n.º 5.543, de 22 de setembro de 2009. Define o Funk como Movimento Cultural e Musical de caráter popular. Disponível em: <http://gov-rj.jusbrasil.com.br/legislacao/819271/lei-5543-09>. Acesso em: 26/08/2021

RIO DE JANEIRO. Assembléia Legislativa do Estado. Lei n.º 3.410, de 29 de maio de 2000. Dispõe sobre a realização de Bailes tipo Funk no território do Estado do Rio de Janeiro e dá outras providências. Disponível em: <http://gov-rj.jusbrasil.com.br/legislacao/203029/lei-3410-00>. Acesso em: 26/08/2021

ROCHA, Décio; DEUSDARÁ, Bruno. Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. *Alea*, vol 7, n.º 2, 2005.

SILVA, Cidinha da. Funk Carioca: Crime ou Cultura. *Revista África e Africanidades*. n. 4, 2009.

SOARES, Inês Virgínia Prado. Direito à Diversidade Linguística no Brasil e sua Proteção Jurídica. **Seminário Ibero-americano de Diversidade Linguística**. org: Marcus Vinícius Carvalho Garcia et al. – Brasília, DF: Iphan, 2016.

VAI, Faz a Fila. Intérprete: Mc Denny. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/mc-denny/vai-faz-a-fila-e-vem-uma-de-cada-vez/>. Acesso em: 07/12/2022